

A CONTRIBUIÇÃO DE P.W. LUND À ARQUEOLOGIA EUROPEIA E BRASILEIRA

Ella Hoch*

André Prous**

P.W. Lund foi um cuidadoso observador do mundo no qual vivia, e esta qualidade reflete-se tanto na sua obra científica quanto na sua atuação na sociedade, que era apreciada por seus contemporâneos. É considerado internacionalmente como zoólogo e paleontólogo, mas também forneceu subsídios para a botânica e a arqueologia do seu tempo. O papel de Lund como precursor dos estudos pré-históricos no Brasil é bem conhecido apenas a respeito do descobrimento da raça fóssil de Lagoa Santa em depósitos remexidos da Lapa do Sumidouro, que levantou, no decênio de 1840 o problema da possível co-existência de um Homem "antediluviano" com animais extintos na América, enquanto a questão estava longe de ser resolvida na Europa. Mas Lund parece ter sido também o primeiro a mencionar as pinturas rupestres do rochedo de Cerca Grande, que não chegou, no entanto, a descrever; não parece ter notado as pictografias que existem em várias outras "lapas" nas quais escavou, como Sumidouro e Escrivania, e não influenciou neste campo, as pesquisas ulteriores. O próprio A. de Saint Hilaire já tinha verificado a existência de figuras rupestres no Estado de Minas Gerais.

Mas estas rápidas referências à arte indígena pré-histórica (que considerava recente), e o descobrimento dos esqueletos de Sumidouro não são, de longe, as únicas incursões do nosso natural campo arqueológico: a observação e a divulgação por parte de

* Geologisk Museum, da Universidade de Copenhague.

** Setor de Arqueologia e Deptº Sociol./Antrop. UFMG.

Lund de artefatos de pedra e de outros vestígios da vida indígena tradicional nas regiões do Brasil onde ficou forneceram materiais significativos para debate de grande importância em que se envolveram os arqueólogos e naturalistas europeus no meio do séc. XIX.

Fora organizada na Dinamarca uma comissão para elucidar a origem de certas acumulações de valvas de moluscos, particularmente de ostras, encontradas no campo, por vezes bastante distantes do litoral; estavam misturados a elas ossos de vertebrados, com fragmentos de carvão e de sílex de formas bem definidas: trata-se do complexo que iria mais tarde, ser chamado "Køkkenmøddinger", (sambaquis, no Brasil). A criação deste grupo de estudo denominado "Lejre Commission", igualmente conhecido como "Køkkenmødding-Komiteen" foi proposta pro H. C Ørsted na Reunião dos Cientistas Escandinavos em 1847, e foi composta de J. Steenstrup (Professor de zoologia), de J. J. Worsaae (Inspetor do Museu Nacional - Arqueologia) e J. G. Forchhammer (Professor de geologia). O ponto central de discussão era saber se as acumulações de conchas eram "naturais" ou se deveriam ser atribuídos ao Homem.

Cada um dos três cientistas tinha sua hipótese a respeito da natureza do fenômeno: quando Steenstrup apresentou suas idéias por carta a P. W. Lund, atribuindo os concheiros aos homens pré-históricos, recebeu deste um apoio total. Na sua resposta (de Lagoa Santa, 11 de março de 1852), Lund assinalou que acumulações similares de conchas estavam espalhadas por todo o litoral do Brasil, a diversas distâncias da linha de praia. A respeito da sua formação, escreve: "os nativos têm a mesma opinião a que o Sr. foi levado por suas pesquisas, o que reforça esta idéia de certa maneira instintiva... os seus resultados ganham uma nova confirmação com as evidências daqui que são tão claras que não poderiam receber outra explicação". (cf. Petersen, 1938:204-205).

Podemos concluir deste episódio desconhecido no Brasil, que o reconhecimento dos "sambaquis" como sítios arqueológicos era ponto pacífico para Lund no início do século XIX, o que permitiu ajudar os pesquisadores europeus, de uma certa maneira "atrasados" neste campo.

Paradoxalmente, a situação ia inverter-se no final do século, porque as teorias do Dinamarquês não foram divulgadas no Brasil. Precisou esperar 1871 para que C. Rath publicasse em português um artigo no qual se afirma a origem dos sambaquis. Os pes-

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

quisadores do Museu Nacional do Rio de Janeiro aceitaram a idéia, enquanto o etnólogo alemão ven den Steinen publicava em Berlim o resultado das suas escavações em concheiros do Estado de Santa Catarina. No entanto, outro alemão, o Diretor do Museu Paulista H. von Ihering, chefiava uma poderosa corrente antagonista que não admitia que os "selvagens" tivessem edificado estes sítios gigantescos. "Naturalistas" e "Artificialistas" enfrentaram-se, os últimos lançando mão justamente do exemplo dinamarquês para apoiar sua tese. A partir de 1908 as evidências forçaram a comunidade científica a aceitar que existam sambaquis artificiais; no entanto, até 1940, os autores arguíam ainda sobre os critérios que pudessem permitir a distinção entre os sítios "artificiais" e outros, supostamente "naturais". Só recentemente acabou-se esta discussão secular, cuja solução já tinha sido apontada por Lund no Brasil antes de qualquer controvérsia.

Klindt-Jensen, na sua obra "The influence of the Ethnography on Early Scandinavian Archaeology" (1976), infelizmente repleta de erros, dá outros exemplos da contribuição de Lund para a arqueologia escandinava. Destacaremos uma carta em dinamarquês, publicada nos "Annaler for nordisk Oldkyndighed" (1838/39) sobre artefatos de pedra de Minas Gerais e do Estado de São Paulo, cuja tradução apresentamos em anexo.

Apesar de ter sido colocado entre os "antiquários" da sua época, particularmente na Dinamarca e na Suécia, mas também fora da escandinávia, P.W. Lund passou para a posteridade como o paleontólogo das grutas pleistocênicas do Brasil, ricas em vestígios de fauna extinta e recente, inclusive a discutida "raça humana de Lagoa Santa". O seu nome ficou tão estreitamente ligado aos fósseis das cavernas que a maior parte dos autores contemporâneos, até os que se empenham em levantar novos e interessantes dados sobre a pessoa de P.W. Lund sustentam que o pesquisador renunciou a qualquer atividade científica e "levou uma existência vegetativa em Lagoa Santa até sua morte em 1880" (Hansen, 1980:14), depois de ter mandado de presente sua grande coleção de fósseis ao rei de Dinamarca Christian VIII, em 1845.

A sua participação ao debate sobre os sambaquis evidencia que esta afirmação categórica deve ser revista, enquanto os textos apresentados mostram sua contribuição à arqueologia européia através do comparatismo etnográfico e arqueológico entre os dois con-

tinentes. Podemos somente lamentar que muitos dos textos de Lund não tenham sido traduzidos e divulgados no Brasil durante a segunda metade do século XIX.

ANEXO¹

"A propósito dos machados de pedra dos selvagens sulamericanos" pelo Dr. P.W. Lund (de uma carta endereçada para a Sociedade², datada de Lagoa Santa, Brasil, 10/1/1838).

Na época dos primeiros contatos europeus com o Brasil, o machado de pedra era de uso generalizado entre as tribos que habitavam o litoral, as margens dos grandes rios e os planaltos do interior, enquanto que os grupos totalmente selvagens que vagavam nas matas das serras costeiras careciam até mesmo deste tosco substituto para nossos instrumentos de corte. O contato com os europeus tem colocado a maior parte dos selvagens brasileiros na posse de machados e facas de ferro, e o tosco protótipo destes, o machado de pedra, é agora encontrado jogado no chão, mera reminiscência histórica.

A forma peculiar destas pedras não escapou à observação dos imigrantes portugueses, e, estranhamente, encontramos no Brasil a mesma superstição em relação a elas que temos em nosso país. Os camponeses as chamam "coriscos"³, o que significa "raio" e acreditam que a pedra encontra-se na luz do raio, sendo a razão de sua força destrutiva. Meu primeiro contato com estas pedras foi nas margens do rio Tietê, na província de São Paulo, onde ganhei dois exemplares, ambos de sílex⁴, e, pelo que lembro, extraordinaria-

¹ Texto publicado nos "Annaler for nordisk oldkyndighed", Copenhague, ano 1838/1839: 159/161. A tradução foi realizada do dinamarquês para o inglês por Ella Hoch, e para o português por André Prous.

² A Sociedade Real de Antiguidades Nórdicas (note dos TT.).

³ Em português no texto.

⁴ Não conhecemos no Brasil nenhum machado de sílex: estes instrumentos são normalmente feitos de rochas básicas, ou, mais raramente, de granito, rochas porfíricas, e até sillimanita. No entanto, a denominação "corisco" ou "pedra raio" se aplica, tanto no Brasil quanto na Europa, às pontas de flecha e bifaces lascados. Existem muitas dessas feitas de sílex no estado de São Paulo, talvez Lund tenha, nesta frase, aludido a estes tipos de artefato (Nota do tradutor).

mente parecidos com alguns dos países nórdicos. Aqueles que tive a oportunidade de observar na província de Minas Gerais não são de sílex. Encontrei um na entrada da gruta de Maquiné, que mencionei na descrição desta curiosa gruta que tive o prazer de submeter à Sociedade Real de Ciências. Sua presença neste local mostra que esta caverna foi antigamente visitada pelos selvagens; mas o fato mais curioso é a matéria prima da qual o artefato foi feito: é um basalto, rocha vulcânica até agora não encontrada no Brasil.⁵

A linda lagoa de Lagoa Santa, na margem da qual estou agora morando, parece ter, no passado, particularmente atraído os índios, incentivando-os a se estabelecerem nos seus férteis arredores; com efeito, quando os europeus se instalaram, a região estava cheia de machados de pedra que são ainda frequentemente encontrados. Logo após a minha chegada, eu mesmo achei um, feito de hornblende, rocha cuja dureza se aproxima da do sílex, ultrapassando-o porém em peso. Eu o mostrei para os moradores da região, e todos me disseram que não é raro encontrar-se estes "coriscos"; no entanto, não tive a sorte, até agora, de conseguir um deles, porque os habitantes não os guardam; pelo contrário, jogam-nos longe, por acreditarem que o raio cairá onde há um destes objetos, "para procurar seu irmão". No entanto, tenho a certeza que, se eu continuar tentando, acabarei conseguindo alguns.

O formato geral destes machados é oblongo, oval achatado, estreitado em uma ou ambas as extremidades. Estão encabados da seguinte maneira: os índios selecionam para servir de cabo uma madeira dura e resistente que é rachada com uma incisão em forma de cruz em uma das extremidades. A pedra é encaixada nesta incisão, transversalmente, mas em posição vertical, e as quatro extremidades do cabo que ultrapassam para cima são ligadas entre si com um cipó (uma trepadeira lenhosa). Este tipo de fixação pode parecer à primeira vista muito imperfeito; no entanto, as matas do Brasil fornecem tanto madeiras resistentes e duras como lianas tão flexíveis e fortes que o acabamento da pedra fica realmente mais perfeito do que se pode imaginar. Por outro lado, na ausência de material adequado, o selvagem pode também utilizar a pedra sem cabo

⁵ Sabe-se agora que existem grandes derrames de basalto desde o estado de Minas Gerais até o sul do Brasil (Nota dos TT).

É evidente que, de qualquer maneira, a eficiência deste instrumento deve ser insignificante, e sua utilização muito mais limitada do que se pensa geralmente. O selvagem é totalmente incapaz de cortar uma árvore com este tipo de machado; o processo que utiliza para este fim é o seguinte: golpeia com o machado um dos lados do tronco até conseguir fazer uma cavidade rasa; nesta, coloca brasas, que mantêm acesas até que virem cinzas. As cinzas são retiradas e a parte carbonizada da cavidade é retirada pelo machado. A cavidade, agora alargada, é de novo enchida de brasas e o processo se repete até o tronco ser completamente queimado; tal operação demora menos tempo do que se pode presumir, e, o que é muito importante para o selvagem, requer muito menos esforço que derrubar o tronco exclusivamente com um instrumento de corte. Se a árvore for destinada à fabricação de uma canoa, retira-se primeiro a casca com o machado; quando o tronco tiver secado o suficiente, a parte virada para cima é completamente coberta por brasa, processando-se a escavação da mesma maneira acima descrita.

Os autores agradecem P. Alvarenga e I. Malta por sua revisão do texto e suas sugestões.

BIBLIOGRAFIA

HANSEN, R. Wagner.

1980. "Naturforskeren Peter Wihelm Lund og Brasilian. I anledning af hundredaret for hans døg i Lagoa Santa, Brasilien 1880", Brasilia.

KLINDT-JENSEN, O.

1976. "The influence of Ethnography on Early Scandinavian Archaeology" in *To Illustrate the Monuments—Essays on archaeology presented to Stuart Piggott on the occasion of his sixty fifth birthday*, ed. J.V.S. Megaw, pp. 44-48. Thames and Hudson, London.

PETERSEN, C.S.

1938. "Stenalder, Bronzealder, Jernalder. Bidrag til nordisk Arkaeologis Litteraerhistorie 1776-1865" Levin og Munsgaard, København.

Um histórico e uma bibliografia crítica sobre a "querela dos Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

sambaquis" no Brasil serão encontrados na obra seguinte:

GUIDON, N.; LAMING-EMPERAIRE, A.; PALLESTRINI, L. & PROUS, A.
1973. "Documents pour la préhistoire du Brésil méridional- I:
L'Etat de São Paulo", *Cahiers d'Archéologie d'Amérique du
Sud*, 2, EPHE-Mouton ed., Paris-The Hague.

BIBLIOGRAFIA

- HANSEN, R. Wagner.
1980. "Historisk-topografisk undersøgelse af den nordlige del af
Munkebolev og den nordlige del af Langelandsvej, København 1980".
København.
- KLINCK-JENSEN, O.
1970. "The influence of ethnography on Early Scandinavian Archaeology"
in *The Influence of the Neolithic-Transition on Archaeology*
presented to Ernst Neustadt on the occasion of his sixty
fifth birthday, ed. J.V.S. Megaw, pp. 44-58. Thames and Hudson,
London.
- PETERSEN, C.S.
1938. "Stenaldet, Bronzealdet, Jernalder. Bidrag til nordisk Ar-
keologisk litteraturhistorie 1710-1937". Levin og Munksgaard,
København.
- Um histórico e uma bibliografia crítica sobre a "questão dos
sambaquis" no Brasil. São Paulo, 1973.